

ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DO GALÊS

João Bittencourt de Oliveira (UERJ/CiFEFiL)
Joao.bittencourt@bol.com.br

RESUMO

Juntamente com o irlandês (*Gaeilge*), o bretão (*Brezhoneg*), o gaélico escocês (*Gàidhlig*), o córnico (*Kernewek*) e o manx (*Gaelg*), o galês (*Cymraeg*) é uma língua céltica ainda falada como língua comunitária no País de Gales (*Cymru*), situado numa península a oeste da Grã-Bretanha, por cerca de 659.000 pessoas, sendo a maioria bilíngue, e na colônia galesa (*yr Wladfa*) na Patagônia, Argentina (*yr Ariannin*) por algumas centenas de pessoas. Há também comunidades de falantes do galês na Inglaterra (*Lloegr*), Escócia (*yr Alban*), Canadá, Estados Unidos (*yr Unol Daleithiau*), Austrália (*Australia*) e Nova Zelândia (*Seland Newydd*). Os mais antigos exemplos da literatura galesa são os poemas de Taliesin, que retratam Urien, rei e herói lendário do século VI, de Rheged, antigo reino britânico de *Yr Hen Ogledd* (o Velho Norte), onde atualmente é o sul da Escócia, e *Y Gododdin*, tradicionalmente atribuído ao bardo Aneirin, que descreve uma batalha entre Celtas e guerreiros anglos de Northumbria que teria ocorrido por volta de 600 AD. Não se sabe ao certo quando esses poemas foram compostos, nem quando foram, pela primeira vez, compilados. Antes disso, tudo o que se escrevia no País de Gales era em latim. No presente trabalho, dando continuidade ao estudo das línguas célticas, pretende-se discutir o status atual do galês como uma língua minoritária na Grã-Bretanha, demonstrar e analisar seus aspectos fonológicos e morfofossintáticos, visando a despertar o interesse, na comunidade acadêmica e nos estudantes de letras, por estes fascinantes estudos.

Palavras-chave: Galês. Línguas Célticas. Filologia.

1. Considerações históricas

Durante a Idade do Ferro, a região onde hoje se situa o País de Gales, como toda a Bretanha ao sul do estuário do Rio Forth (gaélico escocês: *Linne Foirthe*), foi dominada pelos Britônicos (Celtas) e pela *língua britônica*. Os romanos, que iniciaram sua conquista da Bretanha em 43 AD, de início fizeram operações militares onde é atualmente o nordes-

te do País de Gales em 48 contra os *deceangli* (uma das tribos célticas da região), e ganharam total controle da região com a derrota de outra tribo, os *ordovices* em 79. Os romanos deixaram a Bretanha no século V, abrindo as portas à invasão anglo-saxônica. A partir daí, a língua e a cultura britônicas começaram a se ramificar, e diversos grupos distintos se formaram. O povo galês era o mais numeroso dentre eles.

Diversos reinos se formaram na área atualmente denominada País de Gales no período pós-romano. Após a expansão dos anglo-saxões (séculos V-IX), o País de Gales era o único território céltico autônomo sobrevivente ao sul da Bretanha; durante séculos seus povos guerreavam entre si e contra os ingleses, os irlandeses, e os nórdicos. No século VIII, para reforçar a defesa das fronteiras galesas, o rei Offa de Mércia construiu uma muralha de terra entre a Inglaterra e o País de Gales, que ficou conhecida como "Dique de Offa" (galês: *Clawdd Offa*). No século IX, Rhoddrio, o Grande (galês: *Rhoddri Mawr*), uniu o país pela primeira vez desde os romanos.

O cenário mudou abruptamente, entretanto, com a chegada dos normandos, em 1066, liderados pelo duque de Normandia William I (ou Guilherme, o Conquistador). Como consequência, a língua galesa foi suplantada até certo ponto, particularmente em South Pembrokeshire (galês: *De Sir Benfro*) e parte de Gower ou Península de Gower (galês: *Gwyr or Penrhyn Gŵyr*), pelo flamengo e pelo inglês.



Figura 1: Mapa mostrando a migração dos Britônicos para o oeste durante a invasão anglo-saxônica. Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Britons_\(historical\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Britons_(historical))

Em 1282, durante a invasão de Eduardo I da Inglaterra, o último príncipe galês nativo, Llewelyn op Gruffydd, foi morto. Em 1301, o filho de Eduardo foi coroado *Príncipe de Gales*, título de nobreza atribuído aos primogênitos dos monarcas britânicos. Historicamente, o País de Gales pode ser considerado como a primeira colônia inglesa, e serviu quase imediatamente após a Conquista Normanda como um trampolim para a invasão e colonização da Irlanda. Em 1485, Henrique VII assumiu o trono inglês e o País de Gales foi efetivamente incorporado na Inglaterra, durante o reinado de Henrique VIII, pelos *Atos das Leis em Gales 1535-1542* (inglês: *Laws in Wales Acts 1535 and 1542*, galês: *Y Deddfau Uno 1535 a 1542*), que unificaram a Inglaterra e Gales como uma só nação, tornando o inglês a língua da administração pública, da educação e dos negócios. Já havia, entretanto, um código de leis galesas, *Cyfraith Hywel* (“As Leis de Howel”) que foi gradativamente suplantado pelas leis inglesas do século XIII e após a união as leis da Inglaterra foram aplicadas por todo o país.¹⁰

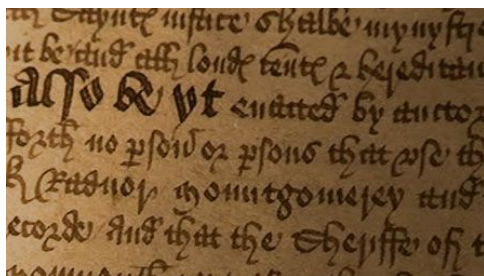


Figura 2:

Fragmento do manuscrito do *Act of Union* de 1536 entre a Inglaterra e o País de Gales

Fonte: http://www.bbc.co.uk/wales/history/sites/themes/periods/tudors_04.shtml

O galês originou-se, portanto, no século VI do *britônico*, o ancestral comum do galês, do *bretão*, do *córnico* e de uma língua já extinta conhecida como *cúmbrio*. Do mesmo modo que a maioria das línguas, há períodos identificáveis dentro da história do galês, embora as fronteiras entre elas sejam frequentemente indistintas.

¹⁰ Esse código de leis já era considerado bastante avançado para a época: dentre outras coisas previa a indenização a uma mulher que fosse maltratada pelo marido. Vale aqui lembrar que, numa época em que o latim ainda era a única língua de cultura, a maior parte desses documentos foi redigida em galês.

O nome *Welsh* originou-se como um exônimo atribuído aos seus falantes pelos anglo-saxões, cujo significado é "estrangeiro",¹¹ que por sua vez entrou nas línguas românicas e irlandesa como *gall-* (cf. francês: *gallois*, irlandês: *Galltacht*, parte da Irlanda onde se fala o inglês "discurso estrangeiro"). O termo nativo para identificar a língua é *Cymraeg*, e *Cymru* para "Wales".

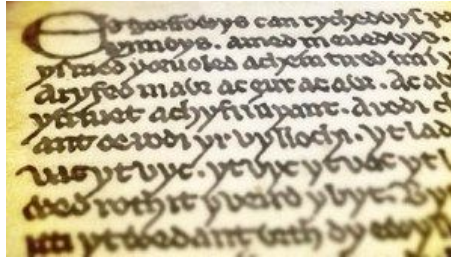


Figura 3: Fac-símile do fragmento de uma página do manuscrito do *Livro de Aneirin* (em galês: *Llyfr Aneirin*) onde aparece a descrição do rei Artur. Fonte: <http://badonicus.wordpress.com/tag/v-gododdin>

Os mais antigos exemplos da literatura galesa são os poemas de Taliesin,¹² que retratam Urien de Rheged, rei do século VI na região onde atualmente é o sul da Escócia, e *Y Gododdin* ("Os Gododdin") tradicionalmente atribuído ao bardo Aneirin, que sobrevive apenas em um manuscrito, conhecido como *Llyfr Aneirin* ("Livro de Aneirin"), escrito parcialmente em galês antigo e em galês médio. *Y Gododdin* é, pois, um poema medieval galês que consiste em uma série de elegias a homens do antigo reino Britânico de Gododdin¹³ e seus aliados que lutaram numa batalha no século VII. O local da batalha é referido como Catraeth, que

¹¹ Cf. *Walh* (singular) ou *Walha* (plural): termo germânico que significa "estrangeiro, estranho ou romano", alemão: *welsch*. Essa palavra pode ser encontrada no antigo alto alemão *walhisk*, que significa "romano", no inglês antigo (ou velho inglês) *willsc*, com o significado de "romano-britânico" e no norueguês antigo como *valskr*, com o significado de "francês". Onde sua derivação de uma possível forma protogermânica **walhiska*- (ONIONS, 1966, p. 999; BARNHART, 1988, p. 1228).

¹² *Taliesin* (c. 534 – c. 599) é o poeta mais antigo da língua galesa cujo trabalho sobrevive. Seu nome é associado ao Livro de *Taliesin*, um livro de poemas escrito na Idade Média. Acredita-se que *Taliesin* foi um bardo que cantava nas cortes de pelo menos três reis celtas britânicos da época. Na lenda e na poesia galesa medieval, refere-se a ele como *Taliesin Ben Beirdd* ("Taliesin, Chefe dos Bardos" ou chefe dos poetas). (WILLIAMS, 1967).

¹³ *Gododdin* foi um reino tribal situado ao norte da Grã-Bretanha que existiu na Antiguidade Tardia e Baixa Idade Média. Sua distribuição geográfica abarcava o sul da Escócia moderna e o norte da Inglaterra.

possivelmente corresponde à moderna Catterick, no norte de Yorkshire. Essa batalha teria ocorrido por volta do ano 600.

Não se sabe ao certo quando esses poemas foram compostos, nem quando foram, pela primeira vez, compilados. Antes dessas duas obras citadas, tudo o que se escreveu no País de Gales foi em latim.

2. Esboço gramatical

Com base nas obras pioneiras de Lockwood (1975), Trudgill (1984), Thomas (1996), Davies (1999) e outros, apresenta-se a seguir um esboço de alguns aspectos morfossintáticos mais relevantes do galês. Nesse esboço, procuraremos descrever a língua literária padrão. A maior parte do galês falado, entretanto, é de um modo geral dialetal; esses vários dialetos diferem do padrão escrito e entre si, às vezes variam consideravelmente na fonologia, incluindo as mutações, nas inflexões das palavras e na sintaxe.

O galês segue a típica estrutura VSO (verbo-sujeito-objeto) compartilhada pela maioria das línguas célticas (embora outras ordens sejam possíveis). Os verbos são totalmente conjugados e possuem a maioria das formas típicas das línguas indo-europeias: os tempos presente, pretérito, futuro, os modos indicativo, subjuntivo, condicional e imperativo, e as vozes ativa e passiva. As únicas formas verbais ausentes no galês são o infinitivo e o particípio, cujos significados se expressavam através de construções com substantivos verbais.

2.1. O alfabeto

O alfabeto galês (*Yr Wyddor Gymraeg*) compõe-se de 28 letras, sendo cinco vogais e 23 consoantes das quais oito são dígrafos tratados como letras. Não existem as letras “k”, “q” e “z” em galês, como se pode verificar no quadro abaixo.

A grafia do galês está bem adaptada para representar os sons da língua padrão. As vogais são geralmente breves, podendo em alguns casos ser longas, especialmente em monossílabos tônicos. As vogais *a*, *e*, *i*, *o* são bem semelhantes às vogais portuguesas, o *u* = *i* no galês do sul, no galês norte representa uma vogal central entre [i] e [u]; o *w* soa como [u], como em *bws* “ônibus”; o *y* como [ə], exceto em sílabas finais, quando soa como [i], bem como na combinação *wy* [ui], e quando longo pode ser

pronunciado [i:]. O acento tônico geralmente cai na penúltima sílaba.

A a	B b	C c	Ch ch	D d	Dd dd	E e
a	bi	ec	èch	di	èdd	e
F f	Ff ff	G g	Ng ng	H h	I i	L l
èf	èff	èg	èng	aets	i	èl
Ll ll	M m	N n	O o	P p	Ph ph	R r
èll	em	én	o	pi	Ffi/yff	èr
Rh rh	S s	T t	Th th	U u	W w	Y y
rhi	ès	tí	èth	u	w	y

Entre as consoantes, notem-se as seguintes convenções: *c* = [k], *ch* = [x], *th* = [θ], *dd* = [ð], *f* = [v], *ff* = [f], *nh* = [nh], *ng* = [ŋ], *ngn* = [ŋh]; *ll* e *rh* têm o mesmo som das consoantes surdas *l* e *r* respectivamente; *o* e *w* podem realizar-se como consoantes, como em *cariad* [karjad] “amor” (substantivo), *gwely* [gweli] “cama”, também em palavras como *gwlad* “país”, *gwnaf* “eu faço”. Note-se que *si* é pronunciado [ɕ] antes de vogais anteriores, como em *siarad* [ɕarad] “falando”.

2.2. Mutações (Treigladau)

O galês possui um sistema bastante complexo de mutações fonéticas que afeta certos fonemas iniciais das palavras. Trata-se de um traço comum a todas as línguas célticas e que dificulta a identificação de palavras nos dicionários. As mudanças observadas na língua literária são apresentadas no quadro abaixo.

Radical	Brandas (sonoras)	Nasais	Aspiradas (fricativas)
p [b]	b [b]	mh [mm]	ph [f]
t [t]	d [d]	nh [nn]	th [θ]
c [k]	g [g]	ngh [ŋŋ]	ch [x]
b [b]	f [v]	m [m]	
d [d]	dd [ð]	n [n]	
g [g]	(desaparece)	ng [ŋ]	
m [m]	f [v]		
ll [l]	l [l]		
rh [r]	r [r]		

Alguns exemplos de mutação:

- *Cymru* = País de Gales
- *Dw i'n dod o Gymru* = Venho do País de Gales (mutação branda)
- *Dw i'n byw yng Nghymru* = Moro no País de Gales (mutação nasal)
- *Lloegr a Chymru* = Inglaterra e País de Gales (mutação aspirada)

2.3. Morfologia e sintaxe

O galês apresenta diversas características morfológicas e sintáticas não familiares aos falantes do inglês (a língua dominante das Ilhas Britânicas) ou das demais línguas do continente europeu, como o francês ou o alemão, mas possui muito em comum com outras línguas célticas insulares modernas: o irlandês, o gaélico escocês, o manx (ou manquês), o córnico, e o bretão. O galês é uma língua moderadamente flexionada. Os verbos flexionam sempre de acordo com os paradigmas da conjugação a que pertencem. Os verbos têm as seguintes categorias de flexão: pessoa, tempo, e modo com conjugações afirmativas, negativas, e interrogativas de alguns verbos. Não há flexão de caso no galês moderno.

O léxico galês é formado basicamente de palavras originais do britônico (*wy* "ovo", *carreg* "pedra"), com alguns empréstimos do latim (*fffenestr* "janela" < latim *fenestra*, *gwin* "vinho" < latim *vinum*), e modernamente do inglês (*ysbyty* "hospital" < *hospital*, *dawns* "dança" < *dance*, *silff* "prateleira" < *shelf*, *giat* "portão" < *gate*).

2.3.1. Substantivos (*enwau*)

Há dois gêneros: masculino e feminino. Os substantivos não se declinam, mas a formação do plural é bem complexa.

Vários substantivos formam o plural por mutação vocálica no interior da palavra, como em *oen* m. "cordeiro", pl. *wyn*, *troed* m. ou f. "pé", *traed*, *asgwrn* m. "osso", *esgyrn*, *carreg* f. "pedra", *cerrig*, *Cymro* m. "galês", *Cymry*, *dafad* f. "carneiro", *defaid*, *march* m. "garranhão", *meirch*. Geralmente, entretanto, uma terminação de plural é usa-

da com ou sem mutação adicional ao singular. As terminações usuais são: *-au*, *-iau*, *-on*, *-ion*, *-i*, *-ydd*, *-oedd*, *-edd*, *-ed*, *-od*, *-s*, *-ys*. Exemplos: *llyfr* m. “livro”, *llyfrau*, *gair* m. “palavra”, *geiriau*, *Id-dew* m. “judeu”, *Iddewon*, *mab* m. “filho”, *meibion*, *fffenestr* f. “janela”, *fffenestri*, *chwaer* f. “irmã”, *chwiorydd*, *môr* m. “mar”, *moroedd*, *gwraig* f. “mulher”, *gwragedd*, *pryf* m. “verme, inseto”, *pryfed*, *cath* f. “gato”, *cathod*, *lemwn* m. “limão”, *lemwns*, *brws* m. “escova”, *brwsys*; observe-se também o tipo comum *ffermwr* m. “fazendeiro, agricultor”, *ffermwyr*. Inversamente, o singular é frequentemente formado do plural acrescentando-se os sufixos *-en*, *-yn*, como em *llygoden* f. “rato”, *aderyn* m. “pássaro”, pl. *llygod*, *adar*. Não raramente, plurais alternativos podem ocorrer, como por exemplo, *tref* f. “cidade”, pl. *trefi* ou *trefydd*.

Embora não existam casos gramaticais, os substantivos podem estar no genitivo pela posição, como em *gramadeg yr iaith* “a gramática da língua” literalmente “gramática de-a-língua”. Observe-se que *gramadeg* não leva artigo. Ademais, na mesma norma *brenin nef* “o rei do céu”, *pren gwybodaeth da a drwg* “a árvore do conhecimento do bem e do mal”, ou ainda *elfennau amaethyddiaeth* “(os) elementos da agricultura”, *Prifysgol Rhydychen* “Universidade de Oxford” literalmente “Universidade de-Ford de-Oxen” (*rhyd*, *ychen*). Essa construção distintiva encontra paralelo no céltico insular, embora no galês, o genitivo possa ainda ser morfologicamente distinto.

2.3.2. Adjetivos (*ansoddeiriau*)

A maioria dos adjetivos é invariável, contudo alguns possuem feminino singular distinto formado por mutação vocálica interna, como por exemplo, *dwfn* m., *ddofn* f. “profundo”, *gwyn*, *wen* “branco”, *melyn*, *felen* “amarelo”. Alguns adjetivos podem, opcionalmente em estilo elevado, formar o plural por mutação vocálica interna, como *hardd* “bonito”, plural *heirdd*, ou acrescentando as terminações *-ion*, *-on* com ou sem mudança adicional, como *tlawd* “pobre”, *gwyn* “branco”, plural *tlodion*, *gwynion*, *du* “preto”, plural *duon*. Adjetivos podem ser usados como substantivos, como *y tlodion* “os pobres”.

O comparativo e o superlativo de adjetivos curtos são regularmente formados acrescentando *-ach* e *-af* ao positivo: *doeth* “sábio”, *doethach*, *doethaf*, frequentemente como diversas mutações vocálicas internas, como por exemplo, *tlawd* “pobre”, *tlotach*, *tlotaf*. Há tam-

bém um grau equativo, comumente formado no caso de adjetivos curtos por *cyn* e o sufixo *-ed*, daí *cyn ddoethed* â “tão branco quanto”, *cyn dloted* â “tão pobre quanto”. A maioria dos adjetivos longos possui comparação analítica: *beiddgar* “destemido”, *mwy* (“mais”) *beiddgar*, *mwyaf* (“o mais”) *beiddgar*, *mor feiddgar* â “tão destemido quanto”. Diversos adjetivos possuem comparação irregular: *da* “bom”, *gwell* “melhor”, *gorau* “o melhor”, *cystal* â “tão bom quanto”, *drwg* “mau”, *gwaeth* “pior”, *gwaethaf* “o pior”, *cynddrwg* â “tão mau quanto”.

2.3.3. Numerais (*rhifau*)

O sistema tradicional de contagem usado pelo galês é vigesimal,¹⁴ que tem a base no número vinte; porém, 50 é denominado “meio-cem”. Desse modo, os números galeses de 11 a 14 são “x sobre dez”, de 16 a 19 são “x sobre quinze” (embora 18 seja *deunaw* “dois nove”); os números de 21 a 39 são “1-19 sobre vinte”, 60 é “três vinte” etc.¹⁵

Os números de 1 a 20 são únicos e conseqüentemente precisam ser memorizados individualmente.

1 *un*, 2 *dau*, 3 *tri*, 4 *pedwar*, 5 *pump*, 6 *chwech*, 7 *saith*, 8 *wyth*, 9 *naw*, 10 *deg*, 11 *un ar ddeg*, 12 *deuddeg*, 13 *tri ar ddeg*, 14 *pedwar ar ddeg*, 15 *pymtheg*, 16 *un ar bymtheg*, 17 *dau ar bymtheg*, 18 *deunaw*, 19 *pedwar ar bynthe*, 20 *ugain*, 21 *un ar hugain*, 30 *deg ar hugain*, 40 *deugain*, 50 *hanner cant*, 60 *trigain*, 70 *deg a thrigain*, 80 *pedwar ugain*, 90 *deg a phedwar ugain*, 100 *cant*, 1000 *mil*.

¹⁴ A base vinte é usada para a contagem e nomeação dos numerais na língua francesa na qual, por exemplo, o número 80 é designado por *quatre vingts*, literalmente “quatro vintes”. O número vinte (*tyve*) também é usado como um número básico no idioma dinamarquês no qual *tres* (abreviado de *tresindstyve*) significa 3 vezes 20, ou seja, 60; *firs* (abreviado de *firsindstyve*) significa 4 vezes 20, isto é, 80. De acordo com o linguista alemão Theo Vennemann (2003), o sistema vigesimal na Europa teve origem na língua basca antiga e dela foi agregado às outras línguas européias, notadamente os idiomas de origem céltica, o francês e o dinamarquês. Já para Karl Menninger (1957-58), o sistema de numeração vigesimal teve origem na linguagem dos Normandos.

¹⁵ Note-se, contudo, que no final do século XX o sistema decimal começa a ter certa preferência, e então *deugain* significa 2 vezes 20, ou seja, 40, *trigain* significa 3 vezes 20, ou seja, 60, *chwe deg a chwech* significa “seis vezes dez e seis”, ou seja, 66. Antes da adoção do sistema decimal de moeda em 1971, *chwigain papur* (6 vezes 20 = 120 de papéis) era o apelido da nota de 10 xelins (=120 pence). Em inglês a contagem vigesimal já foi usada historicamente, como na abertura do discurso do Presidente Abraham Lincoln *Gettysburg Address*: “*Four score and seven years ago...*”, significando “há oitenta e sete anos...”. Essa prática, entretanto, já caiu em desuso na era moderna.

Substantivos pospostos a numerais ficam no singular: *deg llo* “dez bezerros” literalmente “dez bezerro”, ou alternativamente *deg o loi* literalmente “dez dos bezerros”.

Semelhantemente ao corno e ao bretão, os números 2, 3 e 4 possuem formas femininas: *dwy, tair, pedair*; quando antepostos ao substantivo, 5, 6 e 100 têm as formas *pum, chwe* e *can*, como por exemplo, *pum llong* ao lado de *pump o longau* “cinco navios”; 10 torna-se *deng* antes de palavras começadas com *g, d, m, n*, donde *deng munud* “dez minutos”.

2.3.4. Artigos (*erthyglau*)

O artigo definido possui três formas *y, yr* e *'r*. A forma *y* é usada antes de consoantes: *y plant* “as crianças”, *y ci* “o cão”, *y gyllell* “a faca” (*cylllel* f.). A forma *yr* é usada antes de palavras iniciadas por vogal ou *h*, como *yr ysgol* “a escola”, *yr oren* “a laranja”, *yr haul* “o sol”. A forma *'r* é usada quando a palavra precedente termina em vogal, como *dyma'r ysgol* “aquí está a escola”, *pwysydd yn dysgu'r plant?* “quem está ensinando as crianças?”. A mesma forma é usada tanto com singular quanto com plural: *y llyfr* “o livro”, *y llyfrau* “os livros”.

Quando o artigo definido (*y, yr, 'r*) é usado antes de substantivo feminino singular, o som inicial do substantivo sofre mutação. Não existe o artigo indefinido.

2.3.5. Pronomes (*Rhagenwau*)

Quanto à forma, os pronomes em galês variam em gênero, número e pessoa. Não existe o pronome neutro equivalente ao *it* do inglês. O galês é uma língua riquíssima em pronomes pessoais, como se pode observar nos quatro conjuntos da tabela abaixo.

Os pronomes infixados podem funcionar como objetos diretos entre uma partícula e o verbo, como em *Duw a'th fendithio* “Deus vos abençoe” (*bendithio*), porém *'m* aprefixa *h* a uma palavra começada por vogal: *a'm hafal* “e minha maçã” (*afal*); ou como possessivos, quando seguem uma palavra terminada em vogal, como em *a'm tad* “e meu pai”, *a'th dad* “e vosso pai”, *a'i dad* “e seu (dele) pai”, *a'i thad* “e seu (dela) pai”, *a'n tad* “e nosso pai”, *a'ch tad* “e seu pai”, *a'u tad* “e seu (de-

les) pai”.

	Independentes	Enfáticos	Conjuntivos	Infixados
1ª p. do sing.	mi	mifi	minneu, inneu	'm
2ª p. do sing.	ti	tidi	titheu	'th
3ª p. do sing. (m.)	ef	efó	ynteu	'i, 'e, 's
3ª p. do sing. (f.)	hi	hihi	hitheu	'i, 'e
1ª p. do pl.	ni	nini	ninneu	'n
2ª p. do pl.	chwi	chwichwi	chwitheu	'ch
3ª p. do pl.	wy, wynt	wyntwy	wynteu	'i, 'e

Os pronomes enfáticos ordinariamente podem ser usados com adjetivos possessivos do mesmo modo que os pronomes independentes (com o acréscimo da função de distinção ou adição).

Os pronomes conjuntivos (cujas funções são mais adequadamente “disjuntivas”) quase sempre implicam certo contraste com o que vem antes. Sua interpretação necessita de informação contextual completa.

As formas tradicionais dos pronomes possessivos (*eiddof*, *eiddot*, *eiddo*, *eiddi*, *eiddom*, *eiddoch*, *eiddynt*) estão atualmente obsoletas, embora “eiddo” ainda ocorra com a noção de “propriedade”. Para exprimir a noção de “meu, meus etc.” recorre-se a outro recurso, como por exemplo, para dizer “o carro é meu” usa-se *Mae'r car yn eiddo ifi*; para dizer “o carro é deles”, usa-se *Mae'r car yn eiddo iddyn nhw*; para dizer “o carro é de John”, usa-se *Mae'r car yn eiddo i John*.

Os pronomes aglutinam-se com algumas preposições, como por exemplo, *gan* “com”: *gennyf* “comigo”, *gennyt* “contigo”, *ganddo* “com ele”, *ganddi* “com ela”, *gennym* “conosco”, *gennych* “convosco”, *ganddynt* “com eles”. Esses podem ainda ser enfatizados pela adição do pronome afixado: *gennyf fi* ou *i*, *gennyt ti*, *ganddo ef*, *ganddi hi*, *gennym ni*, *gennych chwi*, *ganddynt hwy*. Outros exemplos incluem *ar* “sobre”: *arnaf* “sobre mim”, *arnat* “sobre ti”, *arno* “sobre ele”, *arni* “sobre ela”, *arnom* “sobre nós”, *arnoch* “sobre vós”, *arnynt* “sobre eles”, enfáticos *arnaf fi* etc.; *rhag* “antes,

diante de”: *rhagof* “antes, diante de mim”, *rhagot* “antes, diante de ti”, *rhagddo* “antes, diante dele”, *rhagddi* “antes, diante dela”, *rhagom* “antes, diante de nós”, *rhagoch* “antes, diante de vós”, *rhagdynt* “antes, diante deles”, enfáticos *rhagoffi* etc.

2.3.6. Verbos (*Berfau*)

A conjugação galesa é comparativamente simples. Há cinco verbos irregulares, sendo que os demais apresentam diferenças principalmente no radical. Os verbos regulares possuem quatro tempos sintéticos no indicativo (presente, imperfeito, pretérito, mais-que-perfeito) e alguns podem ter dois no subjuntivo (presente, imperfeito), embora na maioria dos casos atualmente apenas o presente se distingue formalmente do indicativo. Não existem nem participios nem infinitivos, mas essa lacuna é preenchida com o substantivo verbal, ou seja, noção verbal com propriedades nominais similares às de um substantivo. As formas impessoais comumente correspondem à voz passiva em português. Na maioria dos casos, o presente e o imperfeito geralmente se empregam para exprimir as noções de futuro e condicional respectivamente. Na prática, a língua falada tende a substituir certas conjugações por perífrases com os tempos do verbo “ser ou estar” (*bod*) com o substantivo verbal. As inflexões sintéticas são bastante complexas. Há várias conjugações e um número expressivo de formas anômalas. Daremos, a título de ilustração, a conjugação completa de um verbo regular no presente do indicativo, no pretérito e no futuro.

2.3.6.1. Presente

Em galês, os verbos têm as seguintes terminações no presente: -*af*, -*i*, -*aiff*, -*wn*, -*wch*, -*an*. Os pronomes pessoais são pospostos às formas verbais. Por exemplo: *canaf i* “eu canto”; *cani di* “tu cantas”; *canaiff e/hi* “ele / ela canta”; *canwn ni* “nós cantamos”; *canwch chi* “vós cantais”; *canan nhw* “eles cantam”.

No galês moderno se usam preferencialmente perífrases com o verbo *bod* “estar” (abaixo) para exprimir as noções de presente habitual ou futuro: *rydw i’n canu* literalmente “eu estou em cantar”; *rwyt ti’n canu*; *mae e’n/hi’n canu*; *rydyn ni’n canu*; *rydych chi’n canu*; *maen nhw’n canu*.

2.3.6.2. Pretérito

No pretérito, os verbos têm as seguintes terminações: *-ais i*, *-aist ti*, *-odd e/hi*, *-on ni*, *-och chi*, *-on nhw*. Por exemplo: *gwelais i* “eu vi”; *gwelaist ti* “tu viste”; *gwelodd e / hi* “ele / ela viu”; “*gwelson ni* “nós vimos”; *gwelsoch chi* “vós vistes; *gwelson nhw* “eles viram”.

Note-se a inserção do “s” nas formas do plural – uma das anomalias do galês. Note-se ainda que não há nenhuma regra prática para se identificar o radical em galês. Às vezes é todo o substantivo verbal, como por exemplo, *edrych* “olhar” e *edrychais i* “eu olhei”. Às vezes suprime-se a última sílaba, como por exemplo, *cerdded* “caminhar” e *cerddais i* “eu caminhei”.

2.3.6.3. Futuro

Forma-se o futuro em galês com as terminações do presente do indicativo (ou preferencialmente no galês moderno) com formas perifrásticas. Por exemplo: *bydda i'n mynd* “eu irei” literalmente “eu estou em ir”; *byddi di'n mynd* “tu irás”; *bydd e'n / hi'n mynd* “ele / ela irá”; *byddwn ni'n mynd* “nós iremos”; *byddwch chi'n mynd* “vós ireis”; *byddan nhw'n mynd* “eles irão”.

2.3.6.4. O verbo ser “bod”

Na forma afirmativa do presente do indicativo *bod* possui três paradigmas de conjugação. A primeira é para identificação; é usada para descrever características permanentes do sujeito. Nessa acepção, se aproxima da noção de “ser” em português; exemplos: “Eu sou o João. Ele é professor, Este é o carro de Aled”.

Galês	Português
<i>Yr wyf i</i>	eu sou
<i>Yr maen nhw</i>	tu és
<i>Y mae e / hi (N/S)</i>	ele/ela é
<i>Yr ydym ni</i>	nós somos
<i>Yr ydych chi</i> ¹⁶	vós sois
<i>Y maent hwy</i>	eles são

¹⁶ Nas regiões do norte do País de Gales as formas *dan ni* e *dach chi* são usadas com os pronomes “nós” e “vós”.

A partícula *yr* (ou a forma reduzida *y*, como em *mae*, *meant*) como aparece na tabela acima não possui significado literal. Em certos contextos, as formas *y mae*, *y meant* são substituídas por *yw* ou *ydyw*, *ynt* ou *ydynt*, como por exemplo, quando o complemento é definido. Desse modo, os exemplos acima seriam vertidos como:

- John ydw i
- Athro ydy / yw e
- Car Aled ydy / yw hwnna

Na interrogativa, a partícula *a* precede o verbo, sendo as formas usuais sing. 1 *a ydywf?*, 2 *a wyt?*, 3 *a ydyw?*; pl. 1 *aydym?*, 2 *aydych?*, 3 *aydynt?*

O segundo paradigma é usado como auxiliar na conjugação da maioria dos verbos. Na afirmativa, use-se para descrever características transitórias do sujeito. Nessa acepção, se aproxima da noção de “estar” em português; exemplos: “(Eu) estou cansado, Ele está chateado”.

Galês	Português
<i>Rydw i</i>	eu estou
<i>Rwyt ti</i>	tu estás
<i>Mae e/hi</i>	ele/ela está
<i>Rydyn ni</i>	nós estamos
<i>Rydych chi</i>	vós estais
<i>Raen nhw</i>	eles estão

Há um terceiro paradigma para o presente do verbo *bod* como pessoal – isto é, sempre na 3ª pessoa do singular – quando tem o sentido de “existir”: *mae* (em frases afirmativas), *oes* (em frases interrogativas); exemplos: *mae banc gerllaw* “Há um banco por aqui”; *Oes banc gerllaw?* “Há um banco por aqui?”

Essas diferenças se neutralizam nos demais tempos flexionados.

Imperfeito

Galês	Português
<i>roeddw i yn...</i>	eu era ou estava...
<i>roeddet ti yn...</i>	tu eras ou estavas...

<i>roedd ef/hi yn...</i>	ele/ela era ou estava...
<i>roedden ni yn...</i>	nós éramos ou estávamos...
<i>roeddech chi yn...</i>	vós éreis ou estáveis...
<i>roedden nhw yn...</i>	eles eram ou estavam...

Futuro

Galês	Português
<i>byddaf i'n (i yn)...</i>	eu serei ou estarei...
<i>byddi di'n (ti yn)...</i>	tu serás ou estarás...
<i>bydd e'n/hi'n (ef/hi yn)...</i>	ele/ela será ou estará...
<i>byddwn ni'n (ni yn)...</i>	nós seremos ou estaremos...
<i>byddwch chi'n (chi yn)...</i>	vós sereis ou estareis...
<i>byddan nhw'n (nhw yn)...</i>	eles serão ou estarão...

Na construção *Bod* + sujeito + **yn** + substantivo verbal, a partícula **yn** serve para exprimir a noção progressiva (equivalente ao gerúndio em português):

- Ela está trabalhando: *y mae hi yn gweithio*
- Ele está jogando: *y mae ef yn chwarae*

Forma-se a negativa do verbo juntando-se à afirmativa dois marcadores especiais do mesmo modo que o francês com *ne...pas*. Os marcadores negativos em galês são *nid.....ddim*. Por exemplo, no presente do indicativo perifrástico *Rydw i'n mynd* (“eu vou/estou indo”) muda para *Dydw i ddim yn mynd* (“eu não vou/não estou indo”). *Mae hi'n mynd* (“ela vai/está indo”) muda para *Dydy hi ddim yn mynd* (“ela não vai/não está indo”). Com a forma simples a primeira letra do verbo sofre mutação (*c, p, t, g, b, d, ll, m, ou rh*) e o elemento marcador de negação *ddim* é acrescentado. Por exemplo: *Alla i ddim gwneud hyn* (“eu não posso fazer isso”) onde o “g” original no início de “Alla” desaparece.

Não existe o verbo “ter”, sendo a noção de posse expressa pelo verbo *bod* “ser, estar” com a preposição *gan* “com”, como por exemplo, *y mae gennym dŷ* “nós temos uma casa” literalmente “está conosco casa”, alternativamente *y mae tŷ gennym*.

3. Considerações finais

O galês (*Cymraeg*) é a língua céltica do País de Gales (*Gymru*), região a oeste da Grã-Bretanha. O País de Gales ficou por muito tempo à margem da civilização anglo-saxônica. Conquistado por Eduardo I (1277-1284), só se tornou parte integrante da Inglaterra no reinado de Henrique VIII (1536-1542). O País de Gales foi monolíngue até o século XVI, quando o *Act of Union with England* (1536) tornou o inglês a língua oficial, o que contribuiu para o decréscimo do galês. Mesmo assim, até 1750 o galês ainda era a única língua utilizada nas cerimônias religiosas das igrejas anglicanas.



Figura 5: Sinalização bilíngue em Cardiff, capital do país.
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Road_signs_in_Wales

O galês e o bretão são os únicos membros sobreviventes do antigo britânico ou britônico subdivisão da família da língua céltica. A língua britânica original (a exemplo do latim, do grego e do sânscrito) era altamente flexionada, mas sua descendente, o galês moderno, perdeu algumas dessas flexões. Outrora a língua principal do País de Gales e também língua literária desde o século VI, o galês vem declinando desde a ascensão de Henrique VII ao trono em 1485. A condição do galês no final do século XX era relativamente estável, e está sendo aprendido por galeses não falantes do galês e outros, incluindo imigrantes da Inglaterra. É ensinado em todas as escolas e é um meio de instrução em algumas. No condado de Gwynedd, localizado no noroeste do país, é uma língua administrativa local e aparece ao lado do inglês em sinalizações de estradas. De acordo com o Conselho de Língua Galesa (*Bwrdd yr Iaith Gymraeg*), em 2004, 611.000 pessoas (21.7% da população do País de Gales nos estabelecimentos domésticos ou comunitários) eram capazes de falar o galês. Essa cifra representa um aumento de 0.9 pontos percentuais quando

comparada com uma cifra de 20.8% do censo de 2001, e um aumento de aproximadamente 35,000 em números absolutos dentro do País de Gales. Desses 611,000 de falantes do galês, 62% afirmam falar a língua diariamente. Essa cifra sobe para 88% entre os que se consideram fluentes no galês.

Oficialmente, o inglês e o galês gozam do mesmo status, conforme *The Welsh Language Act 1993* (Ato da Língua Galesta de 1993) do Parlamento do Reino Unido. Em dezembro de 2010, a Assembleia Galesta por unanimidade aprovou uma legislação para tornar o galês língua oficial no País de Gales, e medidas adicionais para promover a língua. Essa lei entrará em vigor em 2011. O ensino da língua já é obrigatório na maioria das escolas da região, sendo que 525 escolas primárias e secundárias galesas oferecem o galês como meio de educação a mais de 82.000 crianças. Para alguns ativistas, há ainda muito por fazer.

Existem gramáticas e dicionários para facilitar o estudo e o aprendizado do galês. Há duas versões da Bíblia (1588-1988).

Terminamos, assim, nossa breve exposição, com a versão do “Pai Nosso” em galês:

Gweddi'r Arglwydd

Ein Tad yn y nefoedd,
sanctieiddier dy enw;
deled dy deyrnas;
gwneier dy ewyllys,
ar y ddaear fel yn y nef.
Dyro inni heddiw ein bara beunyddiol,
a maddau inni ein troseddau,
fel yr ym ni wedi maddau i'r rhai a droseddodd yn ein herbyn;
a phaid â'n dwyn i brawf,
ond gwared ni rhag yr Un drwg.
Oherwydd eiddot ti yw'r deyrnas a'r gogoniant am byth. Amen.

Fonte: *Y Beibl Cymraeg Newydd - The New Welsh Bible* (BCN) Revised Standard Bible. American Bible Society, 1988.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITCHISON, John; CARTER, Harold (Eds.). *Spreading the Word. The Welsh Language 2001*. Talybont, Ceredigion: Y Lolfa, 2004.

BARNHART, Robert K. (Ed.). *Chambers dictionary of etymology*. Edinburgh: Chambers Harrap Publishers, 1988.

- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- D'AUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Larousse, 1948.
- DAVIES, C. *The Welsh language*. Aberystwyth: University of Wales Press, 1999.
- DAUZAT, Albert. *L'Europe linguistique*. Paris: Payot, 1940.
- ELLIS, Peter Berresford. *Celt and Saxon. The struggle for Britain AD 410-937*. London: Constable, 1993.
- EVANS, H.M. et al. *Y Geiriadur Mawr*. Llandysul and Llandybie: J. D. Lewis & Sons, 1971.
- GREGOR, D. B. *Celtic: a comparative study*. Cambridge: Oleande Press, 1980.
- GREENE, David. Celtic Languages. *Encyclopaedia Britannica*. Macropaedia. 15. ed. Chicago: The University of Chicago, 1976, vol. 3, p. 1064-1068.
- HAYWOOD, John. *Atlas of the Celtic world*. London: Rhames & Hudson, 2001.
- KING, Gareth (Ed.). *Modern Welsh Dictionary: Welsh and English Edition*. New York: Oxford University Press, 2007.
- _____. *Modern Welsh: a comprehensive grammar* (Comprehensive Grammars). 2. ed. New York: Routledge, 2002.
- KRUTA, Venceslas. *Celtes. Histoire et dictionnaire. Des origines à la romanisation et au christianisme*. Paris: Robert Laffont, 2000.
- LOCKEWOOD, W. B. *Languages of the British Isles past and present*. London: Andre Deutsch, 1975.
- MEILLET, Antoine. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Alabama: University of Alabama Press, 1964.
- MENNINGER, Karl. *Zahlwort und Ziffer: Eine Kulturgeschichte der Zahlen*. Göttingen: Vandehoeck & Ryprecht, 1957-58.
- ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

THOMAS, Peter Wynn. *Gramadeg y Gymraeg*. Cardiff: University of Wales Press, 1996.

TRUDGILL, Peter (Ed.). *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VENNEMANN, Theo. *Europa Vasconica-Europa Semitica: Trends in Linguistics. Studies and Monographs*. Edited by Patrizia Noel Aziz Hanna and Patrizia Noel. The Hague: Mouton, 2003.

WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en occident: leur origine, leur hostoire, leur geographie*. Paris: Robert Laffont, 2000.

WILLIAMS, Glanmor. *Renewal and reformation: Wales, c.1415–1642*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

WILLIAMS, Ifor. *Canu Taliesin*. Translated into English by J. E. Caerwyn Williams as *The Poems of Taliesin*. Dublin Institute of Advanced Studies: Dublin. 1. ed. 1967, reprinted 1975, 1987).

Y Beibl Cymraeg Newydd - The New Welsh Bible (BCN) Revised Standard Bible. American Bible Society, 1988.